



CENTRO CULTURAL E DE
FORMAÇÃO INDÍGENA

RELATÓRIO ANUAL 2022

SOLUÇÕES DURADOURAS
MISSÃO RORAIMA HUMANITÁRIA

CENTRO CULTURAL E DE FORMAÇÃO INDÍGENA - CCFI



Introdução

A Fraternidade – Federação Humanitária Internacional (FFHI) seguiu expandindo e aprofundando sua atuação com a Missão Roraima Humanitária no ano de 2022, principalmente através do Centro Cultural e de Formação Indígena (CCFI), o qual foi inaugurado em maio de 2021.

Desde 2016, a Missão Roraima Humanitária¹ tem amadurecido e fortalecido suas ações em resposta à imigração venezuelana no Brasil, um panorama migratório que emerge devido à situação de crise econômica e política da Venezuela. As fragilidades e desequilíbrios constituintes desse cenário têm provocado situações de miséria, violência, exacerbação de doenças e falta de produtos e serviços básicos, sendo a população indígena gravemente afetada e forçada a migrar para outras nações. O Brasil é o país que tem recebido o maior número de indígenas venezuelanos migrantes e refugiados, sobretudo no Estado de Roraima. A falta de políticas públicas e de medidas de inclusão socioeconômica dessa população tem causado dificuldades e desafios no enfrentamento dessa questão.

A migração indígena da Venezuela para o Brasil² demanda processos bem elaborados e articulados para o alcance de resultados efetivos na resolução das problemáticas geradas em consequência desta importante questão humanitária. A população indígena migrante e refugiada encontra algumas barreiras em diversas áreas, como trabalho, geração de renda, moradia, saúde, educação e qualidade de vida das comunidades. Com relação ao trabalho, existem problemas não somente relativos ao desemprego, mas também no que tange à informalidade, baixa remuneração, exploração e desigualdade de gênero.

¹ <https://www.missoeshumanitarias.org/trajetoria-de-uma-missao/>

² ACNUR. Relatório de Atividades para Populações Indígenas. Dados de novembro-2022. 8653 indígenas ingressaram no Brasil principalmente das etnias Warao, Pemón, Eñepa e Kariña.

Essa situação é caracterizada por um grande grau de especificidade que precisa ser trabalhado, pois trata-se de beneficiários que possuem uma cultura bastante diferenciada, muita diversidade étnica, interesses e planos de vida variados, além da existência de indígenas que já estavam em contexto urbano e outros provenientes de ambientes comunitários rurais. Portanto, torna-se necessário um olhar cuidadoso para todas as peculiaridades culturais, étnicas, familiares e individuais. A Fraternidade Federação – Humanitária (FFHI) tem dedicado sua atuação especificamente para o público indígena, construindo e consolidando uma ação com base na construção coletiva, articulação interinstitucional e participação comunitária, conciliando desenvolvimento e preservação cultural.³

A atuação da Fraternidade – Federação Humanitária (FFHI) vem se desenvolvendo por meio de diferentes etapas, desde a estratégia emergencial de atendimento nas ruas da cidade de Boa Vista/RR ocorrido nos anos de 2016 e 2017, passando pelo gerenciamento de 5 abrigos indígenas nas cidades de Boa Vista e Pacaraima de 2017 até 2021 e alcançando a promoção de meios de vida e soluções duradouras a partir de 2021. Atualmente também abrange ações de apoio a associações e comunidades, possibilitando que os próprios indígenas, organizados de forma jurídica, possam desenvolver seus projetos e atuar para a melhoria das condições de vida de suas comunidades. Todo o desempenho tem sido apoiado nos compromissos da Norma Humanitária Essencial, conforme indicado no documento *O Manual Esfera: Carta Humanitária e Normas Mínimas para Resposta Humanitária*⁴, constituindo uma perspectiva de resposta apropriada, relevante, eficaz, participativa, igualitária e desenvolvida de forma coordenada, visando fortalecer as capacidades locais.

Seguindo esses compromissos, a criação do Centro Cultural e de Formação Indígena (CCFI) foi fundamentada em demandas detectadas em diagnóstico de perfil socioeconômico⁵ realizado com a população indígena dos abrigos de Boa

³<https://www.missoeshumanitarias.org/wp-content/uploads/2022/01/CARTILHA-MULTILINGUE-compress.pdf>

⁴<https://www.fraterinternacional.org/manual-esfera-temos-uma-responsabilidade/>

⁵https://www.missoeshumanitarias.org/wp-content/uploads/2021/04/Relatorio_socioeconomico_indigena_Roraima.pdf

Vista e de Pacaraima, nos anos de 2020 (etnia Warao) e 2021 (etnia Eñepa), com assessoria antropológica. Após este levantamento, teve continuidade um processo de observação e diálogo permanente, no sentido de construir e concretizar soluções para as principais necessidades constatadas sendo assim o ano 2021 o momento de implantação da resposta de meios de vida e soluções duradouras com excelentes resultados como mostra o Relatório Anual 2021⁶. Firmado nesse processo dialógico, o CCFI visa promover a autonomia da população indígena migrante e refugiada, de forma conectada com o fortalecimento cultural e a conservação ambiental, bem como propiciar integração com etnias locais no Estado de Roraima, por meio de um espaço comunitário onde possam socializar suas aspirações, fortalecer sua identidade cultural e abrir perspectivas para o futuro. O espaço, as atividades e o atendimento do CCFI apresentam um caráter multiétnico e pluricultural, proporcionando a convivência e o intercâmbio entre uma grande diversidade de etnias indígenas provenientes da Venezuela (Warao, Eñepá, Taurepang, Wayu, Curripaco, Kari'ña e Kamarakoto), Guiana (Akawaio e Wapixana) e Brasil (Macuxi, Wai Wai, Wapixana, Sateré Maué, Yanomami e Ye'kwana).

A estratégia do CCFI tem sido integrar ações de fortalecimento cultural com capacitações no idioma português, informática, noções básicas de educação financeira e diversas áreas profissionalizantes, assim como promoção de inclusão socioeconômica através do apoio para ingresso no mercado de trabalho formal e do incentivo ao empreendedorismo. E para além dessas necessidades de formação e acompanhamento específico, foi observada a demanda prévia de orientação vocacional e de apoio motivacional para melhoria da autoconfiança desses beneficiários em território brasileiro, incluindo estímulo para o trabalho coletivo e em rede.

As lições aprendidas e a experiência desenvolvida em 2021 permitiram a

⁶ https://www.missoeshumanitarias.org/wp-content/uploads/2022/08/CCFI_220203_relatorio.pdf



integração dessas demandas em um programa de formação continuada envolvendo instituições governamentais, organizações não governamentais e agências humanitárias, com percursos a serem trilhados conforme as escolhas de cada participante, abrangendo capacitações diversificadas e disponibilizando um amplo leque de possibilidades. A relação com associações indígenas, na identificação de suas demandas e desenvolvimento de trabalhos conjuntos, também permitiu a expansão para um novo campo de atuação com organizações e comunidades indígenas. A noção básica que permeia essas ações é a de busca de autonomia e autossuficiência, de modo a sair da assistência emergencial para a construção de perspectivas de futuro.

Programa de Formação Continuada para o Desenvolvimento (PFCD)

O Programa de Formação Continuada para o Desenvolvimento (PFCD) foi construído com a abrangência necessária para lidar com a complexidade das questões de indígenas migrantes. Por meio de um processo contínuo de formação e de orientação para indivíduos e coletivos indígenas, o PFCD permite uma rota com formato em espiral, onde os beneficiários podem escolher diferentes percursos de capacitação, de acordo com seus interesses e motivações.

Constituindo-se como um processo cíclico, apresenta uma rota pedagógica que abrange visualização de sonhos, escolha laboral, incentivo ao trabalho coletivo e capacitação em português, informática, educação financeira e diversas áreas profissionalizantes. As escolhas profissionais geradas ao longo desse processo



permitem o apoio na preparação, consolidação e acompanhamento da profissão escolhida, contemplando possibilidades de empreendedorismo e acesso ao mercado de trabalho. Todas as atividades são desenvolvidas de forma gratuita, sem despesa alguma para os indígenas, além de oferecerem alimentação, transporte, materiais, disponibilidade de uso de equipamentos e infraestruturas adequadas. O PFCD é composto pelas seguintes fases: Acolhimento, Capacitação e Desenvolvimento, sendo cada uma composta por diferentes etapas, como pode ser visualizado no esquema a seguir:



A etapa de **Acolhimento** envolve dois itens: O Indivíduo (autoconhecimento e orientação vocacional) e O Coletivo (cidadania e cooperação). Em O Indivíduo é proporcionado um processo de autoconhecimento para que cada pessoa possa identificar seus interesses, habilidades, sonhos, objetivos e metas, desenvolvendo



a autoconfiança necessária para alcançar suas realizações com autonomia. Com O Coletivo são abordados, de forma reflexiva e participativa, temas como direitos, deveres, cidadania, coletividade e comunidade, cooperativismo e associativismo. Também são realizadas rodas de conversa sobre trabalho em rede e Economia Solidária.

A fase de **Capacitação** é composta por três elementos: O Idioma (português como língua de acolhimento); A Profissão (oficinas e cursos profissionalizantes); e A Tecnologia (informática e comunicação). Em O Idioma são oferecidos cursos de português básico e intermediário na forma de programas direcionados para a inclusão social, o aproveitamento de oportunidades de trabalho e o acesso a serviços e benefícios sociais. O componente A Tecnologia se dedica à inclusão digital, com informática básica e intermediária, além de outras atividades na área de Tecnologia e Comunicação, possibilitando alcance de informações, inserção laboral e inclusão social.

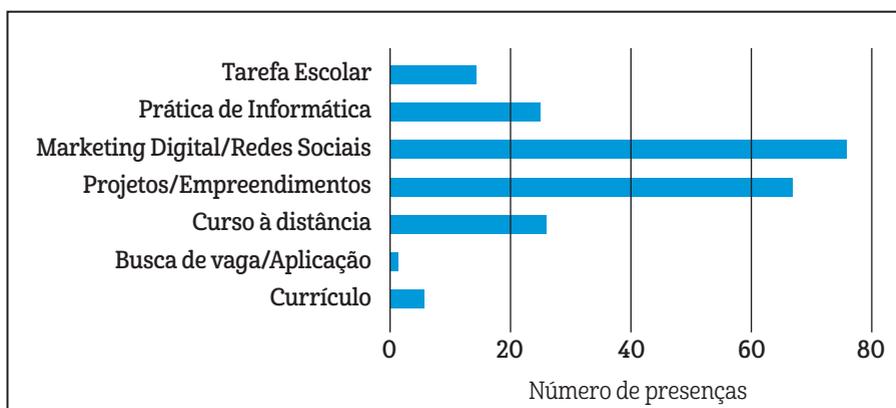
No período de agosto a dezembro, a sala de informática do CCFI foi utilizada para cursos na áreas referidas (Tabela 1) e frequentada por 203 indígenas, que utilizaram a sala principalmente para o ensino à distância, práticas de computação e projetos/empreendimentos. Os grupos étnicos que mais frequentemente utilizavam este serviço eram os Taurepang e os Warao.



Tabela 1

ACESSO À TECNOLOGIA. INCLUSÃO DIGITAL - Período agosto/dezembro

	Currículo	Busca de vaga/ Aplicação	Curso à distância	Projetos/ Empreendimentos	Marketing Digital/ Redes Sociais	Prática de Informática	Tarefa Escolar	
AGOSTO	1	0	3	10	1	5	-	
SETEMBRO	3	0	0	6	0	3	-	
OUTUBRO	1	0	1	1	48*	0	2	
NOVEMBRO	0	1	6	11	24*	0	7	
DEZEMBRO	0	0	15	37	0	15	2	
Total Atendidos	5	1	25	65	73	23	11	203



Etnia	
Akawaio	3
Eñepa	10
Taurepang	60
Venezuelana	1
Wapichana	2
Warao	47
Wuayu	2
Ye'kwana	6

Em A Profissão é disponibilizada uma série de cursos profissionalizantes para que o beneficiário possa escolher de acordo com seus objetivos e afinidades com cada área. São oferecidos programas em dez setores que foram selecionados segundo o interesse da população e demandas do mercado de trabalho local, a partir de análises do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC) e da Secretaria do Trabalho e Bem-Estar Social (SETRABES). Estão sendo desenvolvidas as seguintes áreas: tecnologia, alimentação, atendimento, beleza, confecção e costura, construção civil, educação, limpeza, saúde e segurança.

A fase de **Desenvolvimento** abrange dois componentes: O Trabalho (preparação laboral e empreendedorismo) e As Finanças (noções básicas de educação financeira). Em As Finanças são trabalhados elementos da economia doméstica, como forma de visualização e reflexão sobre instrumentos de administração de recursos e reservas financeiras, criando estratégias para gerenciar equilibradamente entradas e saídas monetárias com vistas ao planejamento e à construção de um futuro com qualidade de vida.

Em O Trabalho, são desenvolvidas capacitações para o empreendedorismo e a inserção no mercado de trabalho formal, possibilitando um amplo espectro de

opções que possam atender as diferenças e interesses individuais.

No ano 2022, a média de horas cursadas para aprovação do PFCD foi de 250 com um total de 27 graduados, além dos beneficiários que seguem com a formação em andamento.

Em 2022, foram dados cursos a 672 indígenas. Destes, 63% (421) eram jovens entre 18 e 35 anos de idade (tabela 2). A maioria eram mulheres (tabela 3).

Tabela 2: Número de pessoas que frequentam os cursos por idade

Idade	
De 18 a 35	421
Mais de 35	213
Menos de 18 anos	38
Total	672

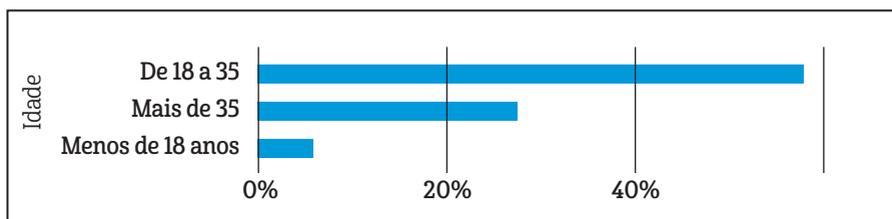


Tabela 3: Número de pessoas que frequentam os cursos por gênero

Gênero	
Feminino	371
LGTBQI	3
Masculino	298
Total	672

A tabela a seguir decompõe os cursos por área temática.

Tabela 4: Número de pessoas que frequentam os cursos por área

Áreas	Nº de participantes
AGROECOLOGIA	13
EDUCAÇÃO	145
CORTE E CONFECÇÃO	29
BELEZA	15
ALIMENTAÇÃO	24
EMPREENDEDORISMO	128
MEDICINA TRADICIONAL INDÍGENA	63
INCLUSÃO DIGITAL	69
MERCADO DE TRABALHO	49
ARTESANATO	36
IDIOMA	81
SERVIÇOS GERAIS	20

Cursos	Particip.
AGROFLORESTA EM FIGUEIRA	3
ALFABETIZAÇÃO	21
BANCO DE SEMENTES CRIOLAS E NATIVAS NAS COMUNIDADES INDÍGENAS	10
CORTE E COSTURA 1	9
CORTE E COSTURA 2	8
CORTE FEMININO E MASCULINO	15
COSTURA COM OVERLOCK	12
DOCES E SALGADOS 1	12
DOCES E SALGADOS 2	12

EDUCAÇÃO FINANCEIRA	38
EDUCAÇÃO FINANCEIRA (FFHI)	15
EMPREENDEDORISMO	17
ENCONTRO INTERCULTURAL INDÍGENA - TROCA DE SABERES SOBRE MEDICINA TRADICIONAL	49
INFORMÁTICA AVANÇADA 1 (SENAC)	10
INFORMÁTICA AVANÇADA 2 (SENAC)	9
INFORMÁTICA BÁSICA	15
INFORMÁTICA BÁSICA 1	15
INFORMÁTICA BÁSICA 2 (SENAC)	10
INFORMÁTICA BÁSICA 3 (SENAC)	10
LIBRAS	3
MICROEMPREENDEDORISMO (MEI)	24
PFCO - MÓDULO 1 - O INDIVÍDUO	51
PFCO - MÓDULO 2 - O COLETIVO	48
MÚSICA SEM FRONTEIRA	22
OFICINA DE ATENDIMENTO AO CLIENTE	24
OFICINA DE PREPARAÇÃO LABORAL	49
OFICINA DE PROMOENDA	10
OFICINA DE XAROPES	14
PANELAS BARRO "Vovó Barro"	23
PANELAS BARRO "Vovó Barro" II	13
PORTUGUÊS COMO IDIOMA DE ACOLHIMENTO NÍVEL I	64
PORTUGUÊS COMO IDIOMA DE ACOLHIMENTO NÍVEL II	17
SERVIÇOS GERAIS	20
TOTAL GERAL	672

Moradia

Os participantes das atividades do CCFI estavam, em sua maioria, em abrigos (431). Os participantes que residem fora dos abrigos foram 241 (tabela 5). Participaram indígenas de mais de 10 grupos étnicos (tabela 6).

Tabela 5: Participantes por residência

Abrigo	
Abrigo Jardim Floresta	234
Abrigo Warao A Tuaranoko	197
Fora do abrigo	241
Total Geral	672

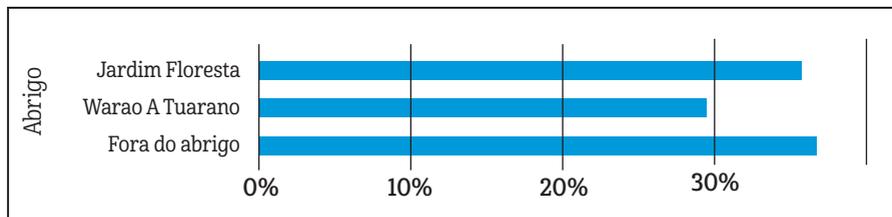


Tabela 6: Participantes por grupo étnico

Etnia	
Warao	378
Pemón-Taurepang	99
Akawayo	40
Macuxi	68
Wapichana	28
Yekuana	10
Wayú	9
Eñepa	6
Sateré Mawé-Macuxi	6
Kariña	5
Curripaco	2
Mestizo	1
Não indígena	20
Total Geral	672

Os cursos foram organizados por instituições colaboradoras, conforme tabela 7.

Tabela 7: Instituições colaboradoras

Instituição	Participantes
AMIR	22
CENTRO ACOLHER em PORTUGUES	23
COMUNIDADE LUZ FIGUEIRA	3
CONARE	38
COOF ECS	12
EMBRAPA	10
FFHI	173
FFHI e PARCEIROS	97
IEL/SENAC/SENAI/PADF	55
IFRR	60
INSPIRE REBECA/VISÃO MUNDIAL	57
OA-UFRR	15
PASSARELA ALTERNATIVA/VISÃO MUNDIAL	17
REFÚGIO 343	3
SENAC/SENAI/VISÃO MUNDIAL	64
UFRR	23
Total Geral	672

Empreendedorismo

A atuação no campo do empreendedorismo teve início com o apoio ao trabalho do artesanato tradicional, o qual é fundamental não somente para geração de renda,

mas também para preservação cultural. Em 2022 este processo se expandiu para outras linhas de empreendedorismo, conforme os interesses apresentados ao longo do Programa de Formação Continuada para o Desenvolvimento (PFCD), principalmente nas áreas da alimentação (padaria, doces e salgados, comidas típicas), beleza, sapataria e corte e costura.

Assim, foram realizados cursos de empreendedorismo tendo como foco a possibilidade de expansão de pequenos negócios, com temas como marketing, redes sociais, técnicas de comercialização e noções básicas de educação financeira, além da elaboração e apresentação de planos de negócio.

Para apoiar a construção e consolidação de negócios individuais e coletivos, foi criado o Espaço Arintak - Incubadora de Empreendimentos Indígenas, oferecendo assistência por meio de uma rota de acompanhamento composta por cinco etapas:



Na etapa **Acreditar** ocorre o levantamento de interesses, habilidades, conhecimentos e experiências, culminando na identificação e descrição do negócio, produto ou serviço idealizado.

Em **Aprender** a ideia de negócio é estruturada, com mapeamento dos recursos disponíveis.

A fase **Investir** se refere ao investimento pessoal e externo, com elaboração do plano de negócios e apresentação para instituições financiadoras.

No período **Agir** é desenvolvida a estratégia de marketing digital, com criação de marca, logo, portfolio e outros elementos, conforme as demandas, para a concretização do empreendimento.

E o momento **Conquistar** permite a fidelização da clientela e a concretização de outros componentes necessários para a sustentabilidade do negócio.

Por meio desse processo alguns empreendimentos foram identificados e acompanhados:

- **Tida Warao:** coletivo formado por mulheres indígenas das etnias Warao e Kariña que confeccionam e difundem informação sobre o uso de absorventes ecológicos.
- **Ateliê de Costura CCFI (Warao-Taurepan-Akawaio-Kariña):** espaço de aprendizagem, prática e prestação de serviços de costura que atualmente atende um grupo de nove mulheres das etnias Warao, Kariña, Akawaio e Taurepang, entre 19 e 65 anos de idade.
- **Kaina Mi Mundo (Kariña e Warao):** projeto de moda e vestuário indígena, para mulheres e crianças, idealizado por duas jovens indígenas Warao e Kariña.
- **Romélio e Zicry (Eñepa e Akawaio):** projeto de panificação e confeitaria formado por duas mulheres migrantes, sendo uma indígena e outra não indígena.
- **Sonhos da Leydis (Pemón-Taurepang):** projeto de confeitaria impulsionado por uma indígena Taurepang que se dedica à fabricação e venda de bolos, sonhos e doces.

- **Maglenn Gabi Belleza Femenina (Warao):** jovem indígena Warao que empreende no ramo da estética e beleza através do serviço de cortes e penteados de cabelos femininos.
- **Kawarao (Warao):** Empreendimento de confecção de calçados tipo alpargata, fabricados em tecidos de diferentes cores.
- **Nancy** – pinturas indígenas (Pemón-Taurepang); arte indígena plasmada em telas e quadros que refletem o convívio entre os reinos da natureza.
- **Daniel** – pincel vivo (Warao): Pinturas de murais em paredes, quadros, desenhos e ilustrações com temáticas indígenas.
- **Luis** – retratista (Pemón-Taurepang); retratos, ilustrações e desenhos em lápis.

Para auxiliar no desenvolvimento desses empreendimentos, o CCFI oferece espaços equipados, proporcionando aprendizagem e prática nas áreas de Corte e Costura, Beleza e Estética, Alimentação e Padaria, Calçado, Medicina e Saberes Tradicionais, Artesanato, Arte e Música.

Além do apoio à visibilidade dos produtos e serviços, o CCFI também realiza a articulação, mediação e referenciamento de empreendimentos individuais e coletivos para a seleção de projetos de outras organizações, como a Fundação Panamericana para o Desenvolvimento (FUPAD) e a Agência da ONU para Refugiados (ACNUR), atraindo CBI-capital semente e apoio direto.

Acesso ao Mercado de Trabalho

Com relação à atuação em acesso ao mercado de trabalho, a estratégia que está sendo utilizada pela Fraternidade Federação Humanitária – FFHI se direciona para os dois atores principais envolvidos na questão: indígenas migrantes venezuelanos (perfil urbano) e potenciais empregadores e tem como foco a preparação e a mediação entre esses dois públicos.



No que tange aos empregadores, ocorre o mapeamento contínuo de pequenas, médias e grandes empresas e negócios da cidade de Boa Vista, e a sensibilização e conscientização das organizações empresariais, estabelecendo um diálogo que permite a condução dos processos de acordo com as condições e o sistema de funcionamento de cada estabelecimento. Este diálogo proporciona o conhecimento e a consolidação de diversas vias de acesso e referenciamento, como plataformas, bancos de dados e contato direto com equipes de Relações Humanas (RH).

A divulgação apresenta o CCFI como um centro que capacita indígenas com as aptidões necessárias para ingressar no mercado de trabalho, abrangendo capacidades técnicas, conhecimentos, habilidades criativas e competências específicas além do idioma português como requisito básico. A apresentação do CCFI e de suas áreas de atuação, junto com a explicação do Programa de Formação Continuada para o Desenvolvimento (PFCD), visa mostrar os motivos e vantagens da contratação de indígenas migrantes. As informações também incluem as leis de amparo para migrantes e refugiados no Brasil e a preconização do Ministério Público do Trabalho (MPT) sobre a igualdade de oportunidades de acesso às ofertas de emprego, sem nenhum tipo de discriminação.

São ressaltados os seguintes propósitos para a contratação de indígenas refugiados: engajamento de consumidores e setores da sociedade sintonizados com direitos humanos e respeito à diversidade; diminuição de preconceitos e promoção de valores de cidadania no setor privado; consolidação de exemplos positivos para replicação em outras empresas; fortalecimento do setor como indutor do desenvolvimento humano e da inclusão de minorias ou de grupos em situação de vulnerabilidade e enriquecimento intercultural empresarial devido às múltiplas vivências e saberes dos indígenas migrantes.

Quanto ao público indígena, levando em consideração suas especificidades





culturais, o trabalho de inclusão socioeconômica da FFHI iniciou com o diagnóstico desenvolvido com assessoria antropológica, no qual foi identificado o perfil educacional e laboral dessa população, abrangendo diversas questões, como nível de escolaridade, experiências prévias de trabalho, cursos desenvolvidos, certificações e interesses profissionais. A partir da análise deste diagnóstico, um dos perfis identificados se refere aos indígenas que almejam ingressar no mercado de trabalho convencional, mas que não conhecem meios de busca de emprego, ou até mesmo não possuem a motivação e a segurança necessárias para iniciar essa procura.

Nesse sentido, o CCFI se dedica ao apoio à inclusão socioeconômica facilitando o acesso ao mercado de trabalho local através do auxílio na documentação, preparação e acompanhamento de todo o processo, abrangendo busca de emprego, acesso à vaga e permanência na ocupação. Esta trajetória é desenvolvida tanto com os participantes da formação continuada quanto com os indígenas que contatam diretamente o CCFI em busca de apoio para encontrar emprego.

A partir da identificação das pessoas que optam pelo caminho da empregabilidade, conforme as demandas observadas, são desenhadas, implementadas e continuamente avaliadas as estratégias de acesso ao mercado de trabalho, conectando pessoas e grupos indígenas com potenciais empregadores.

Foi elaborada uma rota de empregabilidade, a qual está sendo executada com a necessária flexibilidade, seguindo um percurso que inclui solicitação de carteira de trabalho, elaboração e atualização de currículo, busca ativa de oportunidades de trabalho, instrução e acompanhamento de entrevistas de emprego, orientação profissional, assessoria e sessões informativas individuais e coletivas, como mostra o esquema a seguir:





Também são realizadas oficinas de atendimento ao cliente e de preparação laboral, abordando direitos e deveres trabalhistas no Brasil, e entrevistas de trabalho. (Equipe do CCFI).

A seguir, um resumo dos principais **resultados de 2022** das tarefas de preparação do trabalho de acesso ao mercado de trabalho.

Em 2022, foram prestados 422 atendimentos de apoio à preparação ao trabalho, **85% (360) dos quais focados na**

preparação de documentos. Estas tarefas estão agrupadas principalmente em três atividades: criação de contas de e-mail, solicitação de carteira de trabalho e preparação e atualização do currículo (Tabela 1).

A preparação de documentos foi o primeiro passo para impulsionar a inserção no mercado de trabalho. Isso foi seguido por **assessoria para inserção no mercado de trabalho** que procurou gerar um acompanhamento próximo na busca de oportunidades de trabalho. Este acompanhamento em 2022 conseguiu administrar o **emprego direto de 19 pessoas indígenas**, 17 das quais passaram o período de experiência.

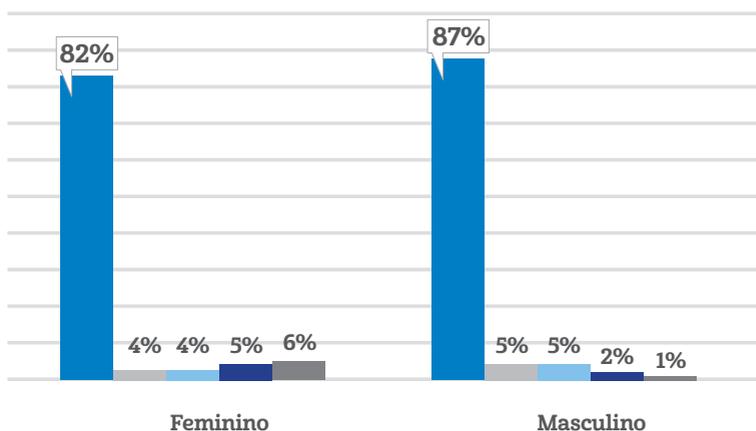
Entre outras atividades, foram realizados foi o registro e a inscrição no CIEE para o Jovem Aprendiz.

Tabela 1: Número total de atendimentos por tipo e gênero em 2022

	Gênero			Total
	FEM.	MASC.	LGBTI	
Preparação de documentos para o trabalho	116	241	3	360
Criação de e-mail	9	31		40
Carteira de trabalho digital (CTPS)	37	66		103
Currículo	70	144	3	217
Assessoria para inserção no mercado de trabalho	5	15		20
Aplicação Vaga Emprego		1		1
Assessoria Laboral	1	2		3
Assessoria SINE/SETRABES	1	5		6
Cadastro Banco de Dados Senac		1		1
Carta de Apresentação		2		2
Processo Seletivo ADRA	3	3		6
Processo Seletivo Cáritas Brasileira		1		1
Pessoas contratadas	5	14		19
Jovem Aprendiz-cadastro	7	5		12
Outros	8	3		11
Total Geral	141	278	3	422*

*Há pessoas que compareceram a mais de um atendimento

Figura 1. Número total de serviços por tipo e gênero em 2022



- Preparação de documentos para o trabalho
- Assessoria para inserção no mercado de trabalho
- Pessoas contratadas
- Jovem aprendiz
- Outro

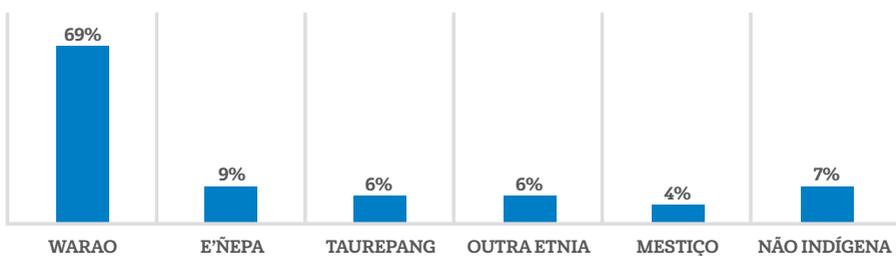
Indígenas de mais de 10 grupos étnicos foram assistidos, embora a maioria (69%) fossem Waraos. Seguidos pelos grupos étnicos Eñepa e Taurepang (Tabela 2 e Figura 2).

A maioria dos indígenas que vieram ao CCFI para serem atendidos foram homens (278 homens e 141 mulheres).

Tabela 2: Número total de atendimentos por etnia em 2022

Etnia	
Warao	290
Eñepa	37
Taurepang	25
Mestiço	18
Akawaio	7
Curripaco	5
Baré	3
Macuxi	3
Wayu	2
Wapixana	1
Ye'kuana	1
Kariña	1
Não indígena	28
Total Geral	422

Figura 2: Porcentagem de atendimentos por etnia em 2022



Em 2022, mais da metade das pessoas atendidas tinha entre 19 e 35 anos de idade. Uma porcentagem menor tinha menos de 18 anos de idade e aproximadamente 30% tinham mais de 35 anos de idade (figura 3). Mais de 80% das pessoas assistidas residem dentro dos abrigos e 18% fora (figura 4).

Figura 3: Porcentagem de atendimentos por idade em 2022

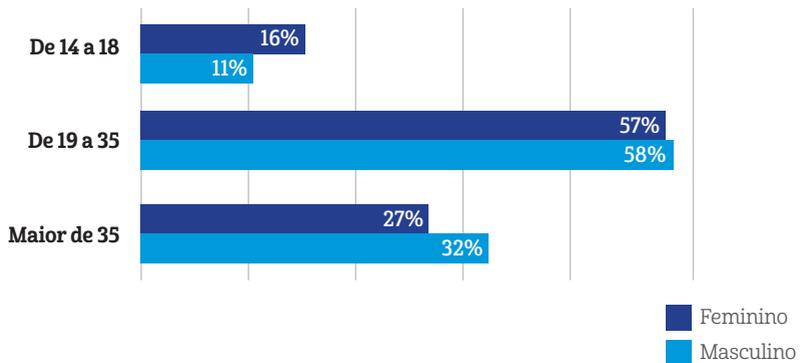
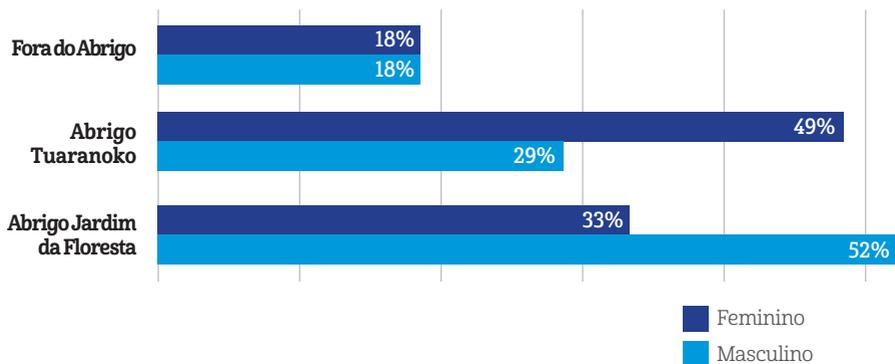


Figura 4: Porcentagem de atendimentos por abrigo em 2022



Integração e Expressão Cultural

A região de Roraima é permeada por elevada riqueza cultural, com a existência de grande diversidade de etnias indígenas locais (Yanomami, Ingaricó, Macuxi, Taurepang, Waimi Atroari, Wapichana, Waiwai, Ye'kwana), representantes de etnias de outras regiões do Brasil e da Guiana (Sateré Mawe, Patamona, Gavião, Aruak, Guajajara), além dos povos indígenas migrantes venezuelanos (Warao, Eñepá, Kariña, Taurepang e Kamarakoto). Este contexto oferece a potencialidade de trocas de conhecimentos entre os diferentes povos, mas também traz o desafio da convivência, a qual ao longo da história não foi sempre pacífica e teve elementos conflituosos.

O enfrentamento dos desafios da interculturalidade e o aproveitamento das suas potencialidades oferece a tônica para a atuação em Integração e Expressão Cultural. O trabalho abrange a realização de feiras interculturais indígenas; a promoção de oficinas para intercâmbio de saberes e técnicas tradicionais entre as diferentes etnias e o apoio à participação dos beneficiários em feiras e eventos culturais locais e regionais.

As feiras promovidas no CCFI proporcionam espaços significativos para apresentações culturais, reflexões sobre temas de interesse indígena e convivências entre diversas etnias. E por serem eventos atrativos ao público, também contribuem para a sociabilização, visibilidade, diminuição da discriminação, valorização cultural e a divulgação de produtos e serviços indígenas.

Essas feiras interculturais indígenas trouxeram um espaço para a cidade que não tinha precedentes no sentido de visibilizar a cultura indígena como um todo; nelas, os próprios indígenas são os protagonistas das atividades do cerimonial de abertura, apresentação e exposição de produtos do artesanato, medicina tradicional, danças, oficinas, costumes e tradições e transmissão de saberes tradicionais e contação de histórias. As associações Indígenas como AMIR – Associação de Migrantes Indígenas Roraimö, CINAMO – Conselho Indígena Najakara Moorü, KAPOI – Associação Cultural Indígena do Estado De Roraima, ODIC – Organização dos Indígenas da Cidade, OMIR – Organização de Mulheres Indígenas de Roraima e AMEI – Agrupação de Mulheres Empreendedoras Indígenas têm participado ativamente para que as feiras se tornem um evento de referência para o calendário cultural da cidade de Boa Vista, capital do Estado de Roraima.



Feira Intercultural Indígena



Os eventos possibilitaram também a integração local indo ao encontro de organizações e entidades que visam aportar desenvolvimento às comunidades. Assim o Departamento Estadual de Turismo de Roraima apresentou o tema “Etnoturismo”; a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) trouxe a temática “Guardiões dos Bancos de Sementes Nativas”; a Fundação Estadual do Meio Ambiente participou expondo uma partilha sobre “Educação Ambiental”; o Instituto Federal de Roraima desenvolveu o assunto “Empreendedorismo Indígena” através de uma palestra.

As oficinas de intercâmbio cultural realizadas ao longo do ano abrangem diversos temas, como medicina tradicional, artesanato, cerâmica, bancos de sementes e culinária típica. Esses momentos também envolvem indígenas brasileiros e provenientes da Guiana, além dos indígenas venezuelanos.

Em 2022 foram realizados encontros periódicos de Medicina Tradicional Indígena que envolveram trocas de saberes e técnicas de manipulação de plantas medicinais, com a elaboração de medicamentos e cosméticos naturais, possibilitando que cada participante recebesse amostras dos produtos para seu uso medicinal. Essas atividades incluíram visita ao Jardim Medicinal do CCFI, permitindo o intercâmbio de conhecimentos e a colheita de ervas.

Outra promoção dessa linha de atuação se refere aos cursos Pannels de Barro, através de um trabalho conjunto com a Universidade Federal de Roraima (UFRR). Por meio destas atividades, renomadas ceramistas indígenas Macuxi trazem o conhecimento tradicional e a experiência de como fazer peças de barro, como Pannels Tradicionais, Cabeças Vivas e Biojóias, abrangendo todo o processo desde a coleta até a queima das peças, utilizando quatro técnicas diferentes para a modelagem.



Apoio a Organizações Indígenas

O Estado de Roraima está inserido na Amazônia brasileira e enfrenta questões ambientais referentes a este bioma, como desmatamento, mineração e agronegócios, as quais geram graves consequências em termos de contaminação das águas, empobrecimento de solos, redução de fauna e flora, erosão e mudanças climáticas, incluindo contextos de alagamentos e estiagens. Os povos indígenas sofrem muitos impactos sociais decorrentes dessas situações, como falta de água e alimentos, proliferação de doenças e dificuldades para geração de renda.

A questão se agrava ainda mais devido ao aumento da população com a chegada de migrantes e refugiados venezuelanos. Muitos desses indígenas, para não permanecer a longo prazo em abrigos e para conseguir alcançar sua autonomia, têm se organizado juridicamente por meio de associações permanecendo na cidade de Boa Vista, que funciona como ponto de articulação. Alguns grupos e famílias têm se estabelecido com os parentes em comunidades indígenas brasileiras (etnias transfronteiriças) e outros, em terras doadas ou adquiridas coletivamente, mas enfrentam dificuldades na sua permanência. As diversas etnias indígenas do Estado também têm constituído diferentes tipos de organizações para lidar com suas demandas, sendo que uma das grandes dificuldades desses grupos é a falta de recursos para implementação de seus projetos, ações e atividades.

Atualmente têm sido lançados muitos editais de financiamento voltados para a região da Amazônia, em especial para o público indígena e outros



povos tradicionais, abrangendo projetos direcionados principalmente para sustentabilidade ambiental e econômica, segurança alimentar, saúde, educação e fortalecimento de organizações, sobretudo as que são lideradas por mulheres. No entanto, muitas organizações indígenas não possuem acesso a esses editais, os quais costumam ser divulgados apenas em determinados sites. Além disso, as chamadas públicas em geral apresentam prazo reduzido para a submissão de projetos e grandes exigências com relação a detalhes como cronogramas, orçamentos, objetivos, metas, metodologias, justificativas e contextualizações. Também costumam ser solicitados relatórios institucionais, cartas de referência, links de divulgação em sites e redes sociais etc.

Nesse contexto, foi desenvolvido, ao longo do ano de 2022, um processo de assessoria para organizações indígenas, direcionado para apoio e acompanhamento de associações e coletivos indígenas, conforme as demandas de cada grupo, visando seu fortalecimento e autonomia. Essa atuação foi bastante orientada para processos de apoio na captação de recursos, uma das principais dificuldades que têm sido enfrentadas por esse público. As atividades incluíram encontros participativos para a construção coletiva de projetos e reuniões com pesquisa de editais, leituras conjuntas, interpretação dos textos das seleções públicas, resolução de dúvidas, auxílio na tradução para o português e na formatação dos projetos das organizações, conforme exigências específicas.

O trabalho do CCFI na área de assessoria para captação de recursos iniciou através de uma demanda da Associação dos Migrantes Indígenas Roraimó (AMIR), com uma solicitação formalizada por meio de ofício encaminhado ao Gerente de Soluções Duradouras. Para atender a essa necessidade, inicialmente foi desenvolvida uma Oficina de Captação de Recursos, com a equipe do CCFI, incluindo a apresentação e discussão dos seguintes temas: elementos básicos para a elaboração de projetos; estratégias de acompanhamento de editais; gestão





financeira e planejamento. Na ocasião foi possibilitado o acesso a materiais de apoio sobre elaboração de projetos, com exemplos de editais e links para acompanhamento do lançamento de chamadas públicas. A fim de dar continuidade e aprofundar este processo, foram organizadas reuniões posteriores que abrangeram o apoio na pesquisa de editais e na submissão de projetos.

Como resultado desse processo de assistência e orientação, AMIR conseguiu submeter 5 projetos a editais, dos quais 3 foram aprovados e estão em andamento a saber:

- Projetos de ações de mobilização para promoção, proteção e defesa de direitos: “Povos indígenas e comunidades tradicionais”;
- 1º edital da Rede Igapó de Aceleração de Proponentes para incentivo fiscal: “Projetos incentivados da Amazônia”;
- Edital de Financiamento UNFPA para Organizações da Sociedade Civil: “Nas trilhas do Cairo”.

Posteriormente, a Fraternidade Federação Humanitária – FFHI, representada por seu Gestor Geral, Frei Luciano, assinou um Acordo de Cooperação com a AMIR, com o objetivo de contribuir com seus projetos de Agroecologia, Educação Musical e Empreendedorismo e desenvolver ações conjuntamente para o benefício dos povos indígenas migrantes.

Com relação ao projeto de educação musical, foi inaugurada no CCFI a escola de música do projeto “Música Sem Fronteiras”, com ensino de música para crianças e jovens indígenas migrantes do Abrigo Jardim Floresta (Boa Vista/RR).

A iniciativa abrangeu a consolidação de uma escola de música que atua na formação de instrumentistas para orquestra e constituição de um coral indígena. A contribuição da Fraternidade – Federação Humanitária (FFHI) foi feita através do fornecimento de instrumentos musicais, de som e material



escolar e disponibilização de espaços estruturados para realização das aulas e apresentações no Centro Cultural e de Formação Indígena (CCFI). O encerramento anual das atividades ocorreu no Palácio da Cultura Nenê Macaggi, em Boa Vista, com exibição da Orquestra e Coral Música sem Fronteira e apresentação das crianças e jovens participantes da escola de música.



Escola de Música

O ensino de música dessa escola seguiu uma metodologia própria desenvolvida pela Orquestra Música Sem Fronteira, a qual começou com um período de adaptação em que os professores trabalharam com todos os instrumentos, com objetivos de ambientação, integração dos participantes, expressão criativa, familiaridade com a música e com os instrumentos musicais, bem como maior conhecimento dos estudantes por parte dos professores. Nessa etapa é desenvolvido um trabalho pedagógico, com dinâmicas e atividades artísticas,



com o objetivo de proporcionar a expressão e o desenvolvimento da criatividade. Desse modo os professores trabalharam inicialmente com todos os instrumentos, acompanhando o processo de cada aluno e verificando o andamento, conforme avanço na aprendizagem. Na medida em que alguns estudantes progrediram, formam-se turmas avançadas com as quais vai se desenvolvendo e aprofundando no ensino de determinados instrumentos. Alguns princípios pedagógicos indígenas norteiam todo o desenvolvimento e a aplicação desse método de ensino, como interculturalidade, multilinguismo, educação comunitária e educação diferenciada.

A escola atendeu 29 crianças, adolescentes e jovens na faixa etária de 7 a 25 anos. Um dos grandes desafios desse contexto multicultural se refere ao ensino de música para várias etnias venezuelanas, situação que proporciona a aquisição de conhecimentos sobre diferentes línguas e culturas.

Apoio às Comunidades Indígenas

Na construção de soluções efetivas para a situação de migrantes e refugiados indígenas venezuelanos, também é importante considerar que grande parte dessa população era proveniente do meio rural da Venezuela, acostumada a contextos comunitários onde exercia atividades de pesca, turismo, artesanato e agricultura.

Uma das soluções que tem sido buscada pelos próprios indígenas é a reconstrução de suas vidas comunitárias em terras brasileiras, através da aquisição coletiva





de áreas particulares ou sendo acolhidos por comunidades indígenas brasileiras no caso de etnias transfronteiriças. No entanto, mesmo após a conquista de um espaço rural, os problemas continuam, com dificuldades de acesso a serviços básicos de saúde e educação, geração de renda e segurança alimentar. E com o grande e rápido crescimento populacional dessas comunidades, ocorre a necessidade de apoio para a resolução de suas demandas, melhoria da qualidade de vida e sustentabilidade.

Para colaborar com o fortalecimento de comunidades e associações indígenas que se encontram nesse tipo de situação, o CCFI tem criado estratégias para auxiliar a construção e consolidação de soluções duradouras, integrando desenvolvimento, conservação ambiental e valorização cultural.

A atuação com comunidades indígenas iniciou junto à Associação de Migrantes Indígenas Roraimô (AMIR), com o apoio no desenvolvimento do seu projeto de Agroecologia, principalmente na articulação com outras instituições. O projeto de agroecologia da AMIR tem como objetivo a implementação de sistemas agroecológicos familiares e está sendo desenvolvido com quatro comunidades indígenas transfronteiriças da etnia Taurepang — Bananal, Sorocaima, Tarau Paru e Sacau Mota — no município de Pacaraima/RR, nas quais a área brasileira está recebendo grande número de famílias de indígenas migrantes e refugiados venezuelanos. Inicialmente foram realizadas visitas e reuniões nessas comunidades para o levantamento de suas necessidades e potenciais, tendo sido verificado que uma das maiores demandas se refere à segurança alimentar.

Através da relação estabelecida com o Instituto Federal de Roraima (IFRR) - Polo Amajari, ocorreu um trabalho conjunto de capacitações e assessorias nas áreas de piscicultura. Foram realizadas visitas de diagnóstico nas quatro comunidades, com um técnico do IFRR, na quais foram detectados problemas e soluções, oferecidas



orientações para correções e melhorias dos tanques de criação de peixes que estão sendo construídos para atender necessidades proteicas das famílias. Foi promovida capacitação em piscicultura na comunidade indígena Tarau Paru, com orientações práticas, entrega de alevinos e aula teórica para informações e resoluções de dúvidas. Para o ano de 2023 estão previstas visitas técnicas, cursos e entrega de alevinos em outras três comunidades, além dos processos de capacitações e apoios técnicos para criação de galinhas.

Além dos tanques de peixes, a proposta também inclui a produção alimentar vegetal, através de sistemas agroflorestais, com o trabalho de integrantes da AMIR e de voluntários da Fraternidade Federação Humanitária - FFHI. Para colaborar com esta área, foi proporcionado um período de intercâmbio para três indígenas da AMIR na Comunidade-Luz Figueira, localizada em Carmo da Cachoeira, Estado de Minas Gerais, uma das filiadas da Fraternidade Federação Humanitária - FFHI, em agosto e setembro de 2022. Também foram entregues para o desenvolvimento da agricultura 2 remessas de 5kg a 10 kg de sementes puras, orgânicas e não modificadas geneticamente provenientes do Banco de Sementes que a Fraternidade Federação Humanitária (FFHI) tem na sua Sede em Minas Gerais há mais de 30 anos.

Outras Atividades

ATIVIDADES COM OUTRAS ORGANIZAÇÕES

O CCFI tem oferecido espaço e estrutura para o desenvolvimento de atividades de outras organizações, visando gerar contribuições para indígenas migrantes e refugiados:

- A **Organização Visão Mundial (VM)** realizou oficinas de preparação laboral para

beneficiários do Programa de Formação Continuada para o Desenvolvimento (PFCD).

- A **Fundação Panamericana para o Desenvolvimento (PADF)** realizou oficinas de desenvolvimento de habilidades interpessoais para empreendedores indígenas.

- O **Exército da Salvação** brindou atendimento psicossocial através de equipe especializada para os beneficiários do CCFI.

- O **Museu A Casa do Objeto Brasileiro**, em parceria com o Fundo de Populações das Nações Unidas (UNFPA), ofereceu rodas de conversa sobre Prevenção à Exploração e Abuso Sexual (PSEA) para beneficiárias participantes do Projeto de Artesanato Warao, assim como aulas de economia em parceria com o **Serviço Jesuíta a Migrantes e Refugiados (SJMR)**.

- A **Organização de Mulheres Indígenas de Roraima (OMIR)** utilizou o espaço do CCFI para a realização da reunião de sua comissão, com representações de diversas etnias, tratando de temas de relevância para as mulheres indígenas do Estado.

- O **Centro Estadual de Formação dos Profissionais da Educação de Roraima (CEFORR)** liderou reunião sobre o “Plano de Atendimento às Crianças e Adolescentes Indígenas Imigrantes no Estado de Roraima”, contando com a presença de representantes da Secretaria Municipal de Educação e Cultura, Secretaria do Estado de Educação e Desporto, Força Tarefa Logística Humanitária, Defensoria Pública da União (DPU), Fundação Nacional do Índio (FUNAI), Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR) e lideranças dos 5 abrigos indígenas de Roraima.

- A organização **Médicos Sem Fronteiras (MSF)** realizou rodas de conversa sobre saúde mental e atendimentos individuais com beneficiários do Abrigo Jardim



Floresta.

- A **Fundação Fé e Alegria** realizou reunião de apresentação institucional e projetos com beneficiários do Abrigo Jardim Floresta e membros da AMIR.

- O **Fundo de Populações das Nações Unidas (UNFPA) e Fraternidade Sem Fronteiras (FSF)** realizaram roda de conversa sobre violência baseada em gênero, com mulheres do Abrigo Jardim Floresta.

- A **Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO)** promoveu roda de conversa com grupo indígena representado por homens, mulheres, gestantes, jovens e comunidade LGBTQIA+, com o objetivo de elaborar cartilha informativa sobre HIV/AIDS para o público indígena, a qual foi ilustrada pelos próprios beneficiários.

- O Programa Narunoko, liderado pelo **ACNUR** e pelo **Serviço Jesuíta para Migrantes e Refugiados (SJMR)** com o objetivo de apoiar a estratégia de saída dos abrigos, iniciou entrevistas com os interessados, visando identificar pessoas com perfis que se adequem aos requisitos para receber apoio, e, dessa forma, alcançar autonomia e integração social na cidade de Boa Vista- RR.

- O CCFI referenciou e cedeu espaço para entrevistas de seleção a artesãs(os) e empreendedores participar do “Projeto de inclusão digital para artesãos indígenas” que o **Serviço Jesuíta a Migrantes e Refugiados (SJMR)** e **ACNUR** promoveram.

- O **Distrito Sanitário de Saúde Indígena Yanomami (DSEI Y)** realizou a capacitação dos Agentes de Saneamento e Técnico em Saneamento das comunidades indígenas Yanomami e Ye'kuana.

Participação em eventos

A Fraternidade Federação Humanitária (FFHI) foi selecionada na Chamada de Boas Práticas na Recepção e Promoção da Cidadania de População Indígena Refugiada e Migrante da Venezuela no Brasil. O estudo de caso do CCFI foi escolhido junto com trabalhos de outras 7 organizações no Brasil, dentre 41, para apresentar o Centro Cultural e de Formação Indígena (CCFI) na linha de atuação de Meios de Vida no Workshop Nacional de Boas Práticas às Populações Indígenas Venezuelanas no Brasil⁷ o qual se realizou na cidade de Manaus, nos dias 5 e 6 de maio. O evento foi promovido pela Secretaria Municipal da Mulher, Assistência Social e Cidadania (SEMASC) da cidade de Manaus, Ministério da Cidadania e Agência da ONU para Refugiados (ACNUR).

Como resultado da participação no Workshop Nacional de Boas Práticas às Populações Indígenas Venezuelanas no Brasil, a Fraternidade Federação Humanitária (FFHI) participou do Lançamento “Iniciativas Intersetoriais voltadas à Promoção de Direitos de Populações Indígenas Refugiadas e Migrantes no Brasil”⁸ compoando a publicação do capítulo IV “Integração Socioeconômica/Meios de Vida”.

A Fraternidade Federação Humanitária (FFHI) foi convidada a participar no evento de caráter nacional denominado “I Seminário da Plataforma R4V Brasil de Iniciativas de Educação e Capacitação para a População Indígena Venezuelana Refugiada e Migrante”. A Apresentação foi feita no Eixo 3 - Educação profissionalizante, incluindo empreendedorismo e educação financeira.

O CCFI participou no “Dia D Oportunidades” **SENAC Roraima**, dando apoio aos

⁷ <http://blog.mds.gov.br/redesuas/boas-praticas-de-promocao-de-direitos-e-cidadania-da-populacao-indigena-venezuelana-no-brasil/>

⁸ https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2022/12/Guia-de-Iniciativas_web-5.pdf

beneficiários indígenas na busca por trabalho. No dia se realizaram entrevistas de emprego, se ofereceram diversas vagas de emprego para contratação. O evento contou com a presença de várias empresas locais, como PMZ, Grupo Baiano, Farmácia Pague Menos e Grupo Goiana.

A Fraternidade Federação Humanitária (FFHI), por meio do Centro Cultural e de Formação Indígena (CCFI), foi convidada a participar de evento promovido pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima (IFRR) – Campus Amajari, no curso de formação inicial e continuada de Empreendedorismo Social, oferecido para jovens indígenas vinculados à Coordenação Estadual da Juventude – Núcleo da Juventude do Conselho Indígena de Roraima (CIR) onde se abordaram temas referentes à coletividade, orientação vocacional, empreendedorismo, associativismo e gestão de projetos, integrando dinâmicas, jogos, apresentações e conversações.



Evento no Instituto Federal de Roraima - Campus Amajari



A equipe do CCFI participou de atividades do projeto Boa Vista Acolhedora, financiado pela União Europeia, o qual tem como requerente a AVSI Brasil e como correquentes a Fundação Avina e a Escola Agrícola Rainha dos Apóstolos de Manaus.

Representantes do CCFI participaram do Treinamento de Meios de Vida: População Indígena Refugiada e Migrante, realizado pelo ACNUR. Na atividade foram apresentados os conceitos e objetivos do ACNUR no trabalho de meios de vida e debatidas práticas e estratégias locais e nacionais na construção de soluções para a população migrante e refugiada.

No mês de novembro houve a participação do CCFI no Workshop Contrate Refugiados, iniciativa promovida pelo Serviço Jesuíta a Migrantes e Refugiados - SJMR, com apoio da ACNUR e PADF. O evento teve como objetivos a apresentação das boas práticas na contratação das pessoas refugiadas e migrantes;

A convite da AVSI Brasil, a Força-Tarefa Logística Humanitária da Operação Acolhida e a Fraternidade Federação-Humanitária participaram da cerimônia de inauguração do lançamento do Espaço Educativo e Formativo para a Integração Socioeconômica de Migrantes e Refugiados Venezuelanos no Brasil.

A Coordenação da Missão Roraima da FFHI participou da “Oficina Sobre Responsabilidade com as Comunidades Afetadas” (AAP - Accountability to Affected Populations) onde foram desenvolvidos temas como: informação e comunicação; participação, mecanismos de feedback e processo de mudança de cultura organizacional, contando com a participação das Agências da ONU e Organizações da Sociedade Civil.



Reuniões e visitas

- Foram realizadas reuniões com a ONU Mulheres, iniciando um diálogo promissor sobre o Programa “Moverse” – Empoderamento Econômico de Mulheres Refugiadas e Migrantes no Brasil, o qual é financiado pelo Governo de Luxemburgo e desenvolvido por ONU Mulheres, Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA) e Agência da ONU para Refugiados (ACNUR).
- O CCFI recebeu a visita institucional da Irmã Rosita, diretora do Instituto de Migrações e Direitos Humanos, possibilitando o apoio com cestas básicas para ser direcionadas para AMIR.
- Ocorreu visita da Cáritas Diocesana Nacional com Sede em Brasília para conhecer o trabalho desenvolvido no CCFI com os indígenas migrantes.
- O CCFI foi cadastrado no SESC Mesa Brasil para a captação e distribuição de alimentos para comunidades e associações indígenas e participou de reunião para estabelecimento da parceria e apresentação detalhada da proposta. O repasse de alimentos tem ocorrido para as associações e comunidades indígenas.

Lições aprendidas

A principal lição aprendida no trabalho de desenvolver meios de vida para que eles sejam o caminho de encontro de uma solução duradoura é respeitar os tempos de aprendizado, compreensão e liberdade de escolha pois só uma decisão que é tomada com a convicção do próprio indivíduo ou comunidade é a que pode ser sustentada e perdurar no tempo.

A urgência da própria necessidade de gerar recursos para suprir as carências de um deslocamento forçado, uma condição de moradia num abrigo ou a falta de condições que recriem um ambiente similar ao de origem deve ser considerada além da assistência emergencial fornecida e sim deve-se propor e incentivar as pessoas afetadas a trabalharem pela reconstrução e recuperação dos valores e virtudes preexistentes, que sirvam de alicerce para essa nova etapa na trajetória de suas vidas.

Oferecer uma condição estável, contínua e integrada dentro das possibilidades apresentadas faz com que visualizemos além do imediato e do incerto.

Uma lição extraída dessa tarefa é que os trabalhadores humanitários devem aprender e fazer tudo o que esteja a seu alcance e mais para criar essa condição de segurança nos beneficiados não só como proteção, mas também como autoconfiança para que saiam da vitimização, ponderando as capacidades de recuperação de cada pessoa, seu poder de desenvolvimento e sua condição de transcendência da crise que afetou sua vida. E para os indígenas isso não é diferente já que vêm de situações de sucessivas violações dos seus direitos. Por isso o foco deve estar nas pessoas e não só na condição em que elas se encontram pois a fortaleza que provém da resiliência pode nos mostrar que é possível ir mais



além, e que ser migrante ou refugiado é uma condição que pode ser superada incorporando-a como experiência para além das fronteiras.

Perspectivas para 2023

O Ano 2023 se configura como o oitavo ano da migração e permanência de indígenas de etnias com origem no território venezuelano. A forte relação de parentesco que caracteriza a morfologia social desses povos faz com que ciclicamente tentem voltar para suas comunidades originárias, constatando, quando isso ocorre, que a situação de precariedade e pobreza continua agravando-se pelo que a decisão de voltar para o Brasil segue sendo para muitos a escolha mais recorrente.

Perante essa perspectiva, a situação de permanência e integração no Brasil torna-se uma realidade necessária e palpável que requer da resiliência dessas pessoas e comunidades para construir um plano de vida, uma perspectiva de futuro que os habilite a criar condições de subsistência tendo como propósito adaptar-se ao contexto atual de forma integrada e, a partir da diáspora que vivem, auxiliar suas famílias na Venezuela.

Preservar, expressar e fortalecer sua identidade cultural é essencial nesse processo de inserção numa nova cultura para poder manter usos, costumes e tradições e enriquecê-la, pois a cultura é viva e dinâmica principalmente entre indígenas com perfil urbano que incorporam novos conhecimentos mantendo a língua e características originais.

As perspectivas para 2023 são continuar a oferecer programas de formação que





tragam ferramentas conforme o interesse e as possibilidades que reconhecem a partir da própria experiência no Brasil.

Essas ferramentas podem vir através de políticas públicas assim como da sociedade civil quando entende que uma migração traz novas oportunidades engrandecendo a visão de um país, ampliando a consciência sobre a solidariedade e em particular colocando o olhar sobre aqueles que mais precisam e que, por terem especificidades como é o caso dos indígenas, necessitam ainda mais de apoio e incentivo tendo como norte alcançar a autonomia.

Pretendemos seja 2023 o ano dedicado à integração, inserção e inclusão por meio de soluções duradouras, pensadas e executadas na base da garantia dos direitos humanos e especificamente dos direitos indígenas.





Agradecimentos

Sem a presença dos indígenas que migraram solicitando atenção e acolhimento nenhuma destas experiências poderia ter acontecido pelo que o primeiro agradecimento é para todos eles, já que nos mostram coragem e resiliência; nos ensinam sobre paciência e silêncio; a viver num outro tempo; a ver as coisas da vida desde outro lugar, enriquecendo assim a cultura e a consciência da humanidade.

À Operação Acolhida do Governo Federal por reunir todos os atores das políticas públicas, das agências humanitárias e das organizações da sociedade civil com um mesmo objetivo: servir.

Às organizações sensíveis à questão indígena migrante por apoiar e fortalecer esta iniciativa que, além de acolher, busca o desenvolvimento e a autonomia.

Às comunidades indígenas e etnias locais que se abriram a compartilhar conhecimentos e saberes e descobrir a sabedoria desses outros povos que constituem uma só nação indígena.

À região de Roraima por ser testemunha e conseguir assimilar o impacto desta migração da melhor maneira possível.

E por último a todos os que colaboraram de uma ou outra maneira para construir a solidariedade tão necessária nestes tempos, a unidade dentro da diversidade para assim transformar desafios em oportunidades.

GRATIDÃO!





***Construindo meios de vida,
fortalecendo soluções duradouras.***

FILIADA À



Centro Cultural e de Formação Indígena (CCFI)

Avenida Carlos Pereira de Melo, nº 999
Jardim Floresta, Boa Vista, Roraima, Brasil

sec.rr@fraterinternacional.org
+55 (95) 99141-3797

